



UMA INTRODUÇÃO AO ESPIRITISMO

OU DE QUE MANEIRA A VIDA
TERRENA PODE SER VISTA COMO
UM PERÍODO DE PURGAÇÃO,
SOFRIMENTO E CARIDADE

Leonildo Silveira Campos

*OS MORTOS E OS VIVOS: UMA INTRODUÇÃO AO ESPIRITISMO, DE REGINALDO PRANDI,
SÃO PAULO, TRÊS ESTRELAS, 2012, 116 P.*

Estamos diante de um texto introdutório ao estudo de uma religião que se inseriu no Brasil originalmente como se fosse uma filosofia ou um conjunto de experiências vistas como científicas. Seu autor, Reginaldo Prandi, não pretende esgotar todas as implicações das relações entre os mortos e os vivos dentro dos limites doutrinários elaborados e sistematizados por Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-69) mais conhecido por Allan Kardec.

Seu ensaio aparece num momento de crescimento do número de fiéis do espiritismo (em 2010, um total de 3.848.876 de brasileiros se declararam espíritas); logo após as comemorações do centenário de um dos maiores discípulos que Kardec teve no Brasil, Francisco Cândido Xavier (1910-2002); e de uma visibilidade social e cultural, que vai muito além do número de adeptos que o kardecismo tem no país e se expressa na filantropia, no número de salões de culto, no dinamismo das federações brasileira e estaduais, e até nos meios de comunicação de massa.

CATÓLICOS, PROTESTANTES, ESPÍRITAS NOS ANTECEDENTES DESTE ENSAIO

Este texto pode ser visto numa linha de continuidade com as pesquisas iniciadas por Reginaldo Prandi, ao lado de Cândido Pro-cóprio Ferreira de Camargo (1922-87). No início dos anos 1970, Prandi e seu parceiro de pesquisas, Antonio Flávio Pierucci (1945-2012), associados a outros jovens pesquisadores, liderados por Ferreira de Camargo, elaboraram uma investigação que se tornaria o clássico estudo sociológico da religião no Brasil, *Católicos, Protestantes, Espíritas*¹.

Prandi, no entanto, mesmo que tenha partido de suas pesquisas iniciadas naquela época, transformou o capítulo de Camargo sobre o espiritismo, que é uma parte pequena naquele livro, numa substancial e bem

sintetizada introdução. Daí ser interessante fazer um breve passeio pelo capítulo da obra de Ferreira de Camargo, onde há uma síntese dos pontos básicos do espiritismo e de seus ensinamentos². Entre as ideias que Prandi iria desenvolver encontramos: a “evolução dos espíritos”, em que a passagem pela Terra outorga a nosso planeta o papel de um lugar de expiação. Nela “o progresso cósmico, regido por lei moral imutável, identifica-se à ideia do Karma hindu, segundo a qual toda ação, boa ou má, recebe a devida retribuição”. Logo, o aperfeiçoamento espiritual depende diretamente das opções individuais feitas a cada momento, pois os indivíduos “respondem inteiramente por seus atos”, embora apoiados pelo auxílio de espíritos superiores. Além desse primeiro traço há um segundo, a inspiração nos Evangelhos, de onde procuram tirar do Cristo, tido como “a maior entidade encarnada”, a ideia e a inspiração da caridade, a motivação para a prática de obras assistenciais.

A teoria da mediunidade foi apresentada como um terceiro ponto importante da doutrina espírita. O médium é uma pessoa que age como intermediário, fazendo expressar um “espírito de luz”, mas ensinando e atuando sobre aqueles “espíritos inferiores” que pretendem apenas fazer o mal às pessoas. Um último ponto trabalhado pelos autores faz do espiritismo um esforço de conciliação entre a dimensão sacral e a científica. Nesse aspecto, acrescenta Camargo, “a codificação de Kardec foi elaborada num momento histórico em que o pensamento filosófico e científico encontrava-se profundamente influenciado por ideais do racionalismo e do positivismo, bem como pelo modelo evolucionista”³.

Por outro lado, a sistematização apresentada por Kardec, cuja divulgação começou no Brasil há 150 anos, trouxe, a uma população que se urbanizava, uma forma coerente e mais racional de interpretar o mundo, sem se entregar ao secularismo puro e simples que a teologia da secularização pressupunha inevitável no mundo urbano e industrial. Talvez, por esse motivo, como observava Camargo, “as religiões mediúnicas destacam-se no pa-

LEONILDO SILVEIRA CAMPOS

é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

1 C. P.F. Camargo (org.), *Católicos, Protestantes, Espíritas*, Petrópolis, Vozes, 1973.

2 Idem, *ibidem*, p. 161.

3 Idem, *ibidem*, p. 162.



Reprodução

Busto de Allan Kardec no Cemitério de Père-Lachaise, em Paris: crescimento do número de adeptos do espiritismo

norama religioso do Brasil por acentuado ritmo de crescimento, notadamente nas zonas que apresentam urbanização mais intensa⁴. Isso significa que o espiritismo se tornou entre nós uma religião típica da modernidade urbana. No Censo de 2010, o IBGE encontrou apenas 1,9% de espíritas na região rural, enquanto 98,1% deles faziam parte da população urbana. O espiritismo é uma religião urbana, de classes médias escolarizadas.

Nesse contexto urbano ressaltam-se a escolha pessoal da religião, o esforço individual de ascensão social, o apelo da escolarização como forma de esclarecimento e de ferramenta para o progresso e evolução de cada um. Prandi (p. 109) traz à lembrança de seu leitor que, entre os espíritas, 32% têm superior completo, contra 4% dos pentecostais; apenas 22% dos espíritas ganham até um salário mínimo por mês, enquanto 64% dos pentecostais estão nessa faixa. Logo, “uns e outros estão em polos opostos em uma escala de estratificação social” (p. 110).

A entrada de jovens pesquisadores no Cebrap, no início dos anos 1970, entidade da qual Ferreira de Camargo foi um dos fundadores, possibilitou uma pesquisa por ele coordenada da qual Reginaldo Prandi participou ao lado de Beatriz Muniz de Souza, Melanie Berezowski Singer, Renata Raffaelli Nascimento. Parece-nos que, ao trabalhar com esse tema, nos idos daquela década, Prandi foi deixando para o futuro um interesse que passou do catolicismo para os cultos afro-brasileiros, destes, para o mundo dos evangélicos (em parceria com o sempre lembrado Antonio Flávio Pierucci), para finalmente voltar, mesmo tantos anos depois, ao kardecismo.

O ATUAL ENSAIO NA PRODUÇÃO ACADÊMICA DE REGINALDO PRANDI

Entre o primeiro livro de Prandi, datado de 1973, e *Os Mortos e os Vivos* (2012) se passaram quatro décadas. Nesse período ele publicou um total de 34 livros, além de dezenas de capítulos de livros e de artigos em revistas científicas. A maior parte de sua produção está centrada nas religiões dos afrodescendentes no Brasil. O seu conhecimento dos ritos, mitos e crenças das religiões afro-brasileiras levou a uma experiência que poucos acadêmicos têm, que é a de escrever para crianças a respeito da história mítica dos orixás e da África. A Companhia das Letras ofereceu-lhe lugar para publicar sob um selo de não menor sucesso naquela edi-

4 Idem, ibidem, p. 159.

tora – Letrinha. Com essa oportunidade de publicação, Prandi aperfeiçoou a sua técnica de escrever com leveza e sem perder a profundidade. O livro *Os Mortos e os Vivos: Uma Introdução ao Espiritismo* traz, por isso mesmo, as marcas da técnica de escrever coisas bem fundamentadas academicamente, mas de uma forma que até mesmo crianças e adolescentes possam entender. A sua paixão recente pelo conto se expressou no segundo capítulo desse livro ao retomar a história do espiritismo norte-americano tal como foi vista pelo contista Arthur Conan Doyle.

Em 2010 o espiritismo brasileiro comemorou o centenário de nascimento de Francisco Cândido Xavier, o maior escritor espírita do país. Livros, filmes, programas de televisão, centenas de artigos, foram produzidos para lembrar a trajetória kardecista de Xavier ou simplesmente para falar sobre a efeméride. Para os interessados que surgiram em decorrência daquela data e da percepção do crescimento do espiritismo no Brasil, nada melhor do que esse texto introdutório.

Não devemos, contudo, nos esquecer que a literatura acadêmica sobre o espiritismo ganhou corpo no país mais nos anos 1980 e 1990. Em décadas anteriores foram publicados muitos textos de divulgação do kardecismo, ou então daqueles livros produzidos em um cenário apologético, que envolviam intelectuais e propagandistas espíritas; escritores católicos que consideravam o espiritismo como “terrível adversário” da fé, entre eles frei Boaventura Kloppenburg (1919-2009), que gastou a maior parte de sua vida combatendo o espiritismo, e escritores protestantes, dos quais podemos citar Jerônimo Gueiros, que viam no kardecismo uma “heresia diabólica”⁵. O espiritismo kardecista, nas primeiras décadas do século XX, era confundido com outra religião brasileira – a umbanda –, que, por sua vez, se misturava aos olhares de seus adversários com os cultos afro-brasileiros, todos um mero caso de polícia.

Os ataques fizeram os intelectuais espíritas produzirem o seu próprio material apologético e organizarem seus cursos de

treinamento dos fiéis, tornando cada publicação, cada centro e, hoje, cada meio de comunicação de massa (jornais, revistas, rádio, televisão e Internet), um veículo voltado à transmissão da doutrina, aperfeiçoando seus mecanismos de catequese, explicando seus princípios e mostrando o quanto eles estão colados à tradição cristã e católica brasileira. Tenta-se, dessa maneira, reconstruir uma legitimidade que as demais religiões sempre tentaram lhes negar.

O ENSAIO DE PRANDI E OUTROS ESTUDOS SOBRE O ESPIRITISMO

O livro de Prandi dá continuidade, no mundo acadêmico brasileiro, às reflexões contidas nos textos de seu mestre Cândido Procópio Ferreira de Camargo, cuja abordagem vem desde os anos 1950, e resultou em *Kardecismo e Umbanda*⁶ e, doze anos depois, no livro *Católicos, Protestantes, Espíritas*.

Nas décadas seguintes, vários textos foram sendo produzidos, entre os quais, podemos lembrar os textos de Maria Laura Viveiros de Cavalcanti⁷; Marion Aubree e François Laplantine⁸; Emerson Giumbelli⁹; Bernardo Lewgoy (em estimulantes artigos e capítulos de coletâneas sobre o assunto); Sandra Jacqueline Stoll¹⁰.

Esses e outros autores contribuíram para a discussão do universo espírita e da maneira de se organizar em federações, às vezes rivais entre si, textos que, embora tenham abordado a umbanda, trazem elementos para a compreensão desse rico segmento do campo religioso brasileiro – as religiões mediúnicas. Entre esses podemos citar os estudos de Lísias Nogueira Negrão¹¹ e tantos outros autores e textos.

É possível que o crescente sucesso do espiritismo entre as massas urbanas e nas camadas médias mais escolarizadas, que se expressa nos censos do IBGE (por exemplo, em 2010, um total estimado de 3.848.876 de brasileiros se declararam espíritas), não tenha motivado a produção de textos sobre esse fenômeno filosófico religioso em

- 5 Jerônimo Gueiros, *O Espiritismo Analisado*, São Paulo, Imprensa Metodista, 1949.
- 6 São Paulo, Pioneira, 1961.
- 7 *O Mundo Invisível: Cosmologia, Sistema Ritual e Noção de Pessoa no Espiritismo*, Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- 8 *La Table, le Livre et les Sprits*, Paris, JC Lattés, 1990 – com tradução para o português publicada pela Editora da Universidade Federal de Alagoas, em 1999.
- 9 *O Cuidado dos Mortos*, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1997.
- 10 *Espiritismo à Brasileira*, São Paulo, Edusp, 2003.
- 11 *Entre a Cruz e a Encruzilhada – Formação do Campo Umbandista em São Paulo*, São Paulo, Edusp, 1996.

quantidade tal como os escritos sobre os cultos afro-brasileiros ou pentecostais. Em compensação, há textos acadêmicos que se destacam pela qualidade analítica, focando várias dimensões do espiritismo kardecista entre nós. Tais textos, como esse escrito por Prandi, vão muito além das origens históricas do espiritismo brasileiro, para apontar na direção de questões ligadas à formação de uma identidade religiosa e filosófica, que, a despeito das tensões internas, conseguem tantos adeptos, quatro vezes o número de fiéis que o presbiterianismo conseguiu ao longo desses mesmos 150 anos.

EM BUSCA DAS RAÍZES E DAS RAZÕES DO SUCESSO DO ESPIRITISMO NO BRASIL

Reginaldo Prandi procura nesse texto captar as características do espiritismo que surgiu no interior da sociedade francesa do século XIX, em que predominavam ideias sobre evolução, progresso, secularismo e crença na ciência. Assim, ele enfatiza, no decorrer de seu ensaio, as características culturais brasileiras que facilitaram o processo de transformação desse movimento filosófico-científico francês em uma religião; mais do que uma religião universal, uma “religião brasileira”. Mas o que são as religiões? Até onde vai o domínio da filosofia e começa o espaço da religião? Que relação as religiões mantêm com a conduta humana em sociedade?

É o espiritismo uma religião? A questão gerou controvérsia desde a sua codificação por Allan Kardec, que, em 1859, em *A Revista Espírita*¹², escreveu: “Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma ciência e não o de uma religião, e a prova disso é que conta, entre seus aderentes, homens de todas as crenças, e que nem por isso renunciaram às suas convicções”, citando a seguir religiões que vão desde o judaísmo até o cristianismo católico. Ainda hoje há espíritas que recusam aplicar às suas práticas o termo religião. Kardec¹³, por outro lado, afirmava que a sua luta seria

contra o materialismo, e nesse combate o espiritismo estaria chegando para “reavivar o sentimento religioso que verga sob os golpes aplicados pela incredulidade”.

Para nosso autor, “as religiões explicam o mundo, congregam os seguidores em torno de valores que orientam a conduta, fornecem identidades para que eles se situem na existência”, amparando dessa forma “seus devotos e clientes em momentos de dificuldades” (p. 105). Assim sendo, toda sociedade, em um ou em outro momento, tende a aceitar velhas filosofias, a criar a partir delas novas soluções, ou a urdir novos conjuntos de ideias e comportamentos por meio da contínua atividade de construção do cosmos ou da geração de sentido para a vida, tal como escreveu Peter Berger em *O Dossel Sagrado*¹⁴.

O resultado foi que Prandi conseguiu, com um texto enxuto, cobrir as principais características daquela filosofia que foi codificada (como gostam de falar os espíritas) por um intelectual francês do século XIX, contemporâneo do positivismo de Augusto Comte e das crenças na lógica da visão científica do mundo, e que viria a se transformar numa autêntica religião entre nós. Sem dúvida serviram de atrativos às massas as relações entre os vivos e os mortos (como aparece no título da coletânea); o ensinamento da existência de uma profunda ligação entre a cura do corpo e do espírito; a desvalorização de dogmas clássicos do cristianismo católico e protestante quanto a céu, inferno, purgatório, pecado, salvação, morte vicária do Cristo, autoridade do magistério da Igreja ou da inquestionável autoridade da Bíblia (para os protestantes).

O kardecismo transferiu o inferno e o purgatório do além para a face da Terra. Os antigos dogmas cristãos, cujo *status* teológico ainda hoje desperta discussões ou indiferença, foram negados, relativizados ou reinterpretados. Com isso se oferece uma reinterpretação do cristianismo na medida em que faz desta vida (a qual se insere num quadro maior que engloba vidas anteriores e posteriores à presente existência) uma

12 Ano II, Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 2005, p. 205.

13 Idem, p. 208.

14 São Paulo, Paulinas, 1985.

oportunidade de adquirir créditos por meio da prática da caridade. Assim, alavancado por uma contabilidade positiva, o espírito evolui em direção a um mundo iluminado e superior, em que a suprema paz será finalmente alcançada pelos que souberam fazer a ascese por intermédio das sucessivas reencarnações. Não há, portanto, necessidade de um salvador pessoal que tenha de morrer em uma cruz para expiar os pecados do mundo inteiro, como pregam os demais cristãos católicos e protestantes. A sabedoria, tal como no antigo gnosticismo, e nos grupos esotéricos, ganha um papel ascético na salvação da alma humana.

Prandi retoma ainda, em sua introdução, um tema que foi importante para Ferreira de Camargo¹⁵ a respeito da função terapêutica e de integração das religiões. Para Camargo, as religiões mediúnicas se destacam por duas funções principais: “a terapêutica e a integração do indivíduo na sociedade urbano-industrial”. Conseqüentemente, para ele e sua equipe de pesquisadores, a busca pela cura decorre da incapacidade da sociedade organizada de atender às demandas médicas de uma parte significativa da população. Paola Montero discutiu bem essa interligação entre as doenças e as demandas por rituais terapêuticos mágicos¹⁶. No entanto, há resultados que parecem indicar uma evolução nessa busca do espiritismo motivada por cura.

Por exemplo, em uma pesquisa recente elaborada sob a nossa supervisão, por José do Carmo Rodrigues, à luz de 2.281 questionários respondidos em 27 estados brasileiros, somente 3,73% dos respondentes declararam ter ido para o espiritismo pela sua cura e somente 1,67%, pela cura de uma pessoa de sua família¹⁷. Para Ferreira de Camargo¹⁸, nos anos 50 e 60, quando o êxodo rural estava no auge, a desarticulação do sistema urbano de saúde e as raízes rurais da busca de terapias alternativas e mágicas pareciam fazer o kardecismo, a umbanda e o pentecostalismo instituições voltadas a terapias espirituais.

Essa busca da solução mágica ou sacral para problemas de saúde seria feita fora das agências religiosas tradicionais, fossem elas

católicas ou protestantes. Nesse cenário outras agências religiosas foram surgindo. Basta lembrar aqui o sucesso das estratégias de grupos neopentecostais, entre outras, as da Igreja Mundial do Poder de Deus ou da Igreja Pentecostal Deus é Amor, que fazem da cura o carro-chefe de sua estratégia de atuação. Por isso há religiões mediúnicas ou pentecostalismos de diversos tipos e procedências, que estariam se tornando “sindicatos de mágicos”, como diria Antonio Gouvêa Mendonça¹⁹. Tais agências, tal como “pronto-socorros de fé”, estão abertas às demandas populares por rituais mágicos, segundo elas, 24 horas por dia. Prandi observa que o espiritismo traz também uma visão holística em que a cura deve atingir o ser humano integralmente, isto é, cura do corpo e da alma. Rompe-se assim com a dicotomia tão cara aos cristãos tradicionais em que se valoriza a cura e a salvação somente da alma.

Também há as funções de integração dos indivíduos num contexto de desorganização criado pelas duas faces de uma mesma moeda: o êxodo rural e o crescimento explosivo das cidades. Nessa mesma linha, Camargo²⁰ registra que “a opção pelo espiritismo significa [...] a adesão a um mundo onde nada ocorre ao acaso, onde infortúnios e sucessos explicam-se e ganham significado”. Isso significa que as teodiceias são sociodiceias, numa feliz frase de Peter Berger (1985). O ajustamento da visão de mundo nesse contexto se torna um desafio fundamental, em especial para os que vieram de um mundo rural que deixou de oferecer referenciais para a construção de uma identidade religiosa, tal como o catolicismo ou o protestantismo rural faziam para a geração dos anos 50 e 60.

O olhar de Prandi, no penúltimo capítulo, não deixa de abordar outro tipo de religião brasileira, o espiritismo de umbanda. Aliás, o pluralismo do espiritismo no Brasil não deve nunca ser desprezado. Pois, tal como o “pentecostalismo à brasileira”, o “espiritismo à brasileira” talvez exija do analista uma colocação do substantivo no plural, “espiritismos”. Essa forma de encarar o campo religioso como um espaço de luta entre

15 Op. cit., pp. 176-7.

16 Paola Montero, *Da Doença à Desordem: A Magia na Umbanda*, São Paulo, Graal, 1985.

17 José do Carmo Rodrigues, *Espiritismo e Conversão: Fatores Motivacionais da Migração Religiosa para o Espiritismo no Brasil*, tese de doutoramento, Universidade Metodista de São Paulo, 2012, p. 252.

18 Op. cit., p. 177

19 *Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos*, 2ª ed., São Bernardo do Campo, Editora Umesp, 2007.

20 Op. cit., p. 177.

agentes e instituições não foi o caminho assumido por Prandi e nem a sua preocupação principal. Poderia até fazer isso com maior ênfase, pois a identidade religiosa do espiritismo brasileiro se deu dentro de um contexto de luta com o cristianismo católico e protestante, de um lado, e as demais religiões mediúnicas, de outro. Por exemplo, a sua institucionalização na forma de federações, como a Federação Espírita Brasileira, e depois, com o passar do tempo, o aparecimento de instituições concorrentes entre si. Novos agentes e instituições passaram a disputar a ortodoxia kardecista ou dela fizeram questão de se distanciar, como é o caso de Luiz Gasparetto. Em todos esses casos desponta a problemática do pluralismo, do qual o espiritismo de umbanda foi um dos primeiros sinais, o que foi bem assinalado por Prandi.

O ensaio de Prandi tem, entre outros méritos, o de desafiar os interessados a pesquisar as questões levantadas pelo espiritismo, esse feixe de religiões mediúnicas originadas de Allan Kardec. Há uma significativa quantidade de questões que o espiritismo levanta, que merecem estudos de campo. É preciso ir atrás das pessoas que estão aderindo a essa “religião brasileira” para saber o porquê da troca que eles estão fazendo de sua religião de origem pelo kardecismo. É possível que seja pela busca de uma proposta racional que responda aos principais desafios de sentido para a vida numa sociedade em que os valores tradicionais passam por um processo de liquidificação. Uma resposta racional de um sistema de causa e efeito para o sofrimento humano, ligando o aqui e agora com vidas passadas e voltadas para o futuro, exerce uma atração para uma crescente camada de pessoas em nossa sociedade. Também, o espiritismo oferece aos indivíduos, cada vez mais responsáveis pela sua própria conduta, uma motivação moral.

Dessa maneira, como escreve Prandi (p. 110), “em termos demográficos, o espiritismo vive uma conjuntura favorável. Os censos mostraram um crescimento de 35% no número de seus adeptos entre os anos de 2000

e 2010”. O número de evangélicos, cujo crescimento é sempre lembrado quando se trata de religião e números no Brasil, cresceu nesse período 9% a mais, ou seja, 44%, enquanto o catolicismo sofreu uma queda de 12%.

É possível que, por detrás dessa queda, esteja a ascensão de uma cosmovisão kardecista, que, aliada à volta das visões holísticas, à fusão da vida individual com os ditames da natureza, ajude as pessoas, no dizer de Prandi (p. 39), a compreenderem que “a vida na Terra nada mais é que um pequeno e transitório momento na trajetória do espírito”. Isso porque “todos os que vivem na Terra nada mais são que espíritos reencarnados que podem ter habitado e ainda irão habitar diferentes mundos em suas diferentes reencarnações”.

Tais explicações expandem os limites adotados pelas demais religiões cristãs, para as quais a vida terrena começa com a concepção ou nascimento e termina com a morte. Ora, como pode nesse curto período de tempo juntos conviverem o pecado, a punição, o arrependimento, e a superação dos erros cometidos, com o preparo para uma eternidade no paraíso ou também no inferno?

O catolicismo inventou o purgatório, e o protestantismo convive, desde que o negou, com a complicada alegação de que essas poucas décadas de vida na Terra são suficientes para levar um pecador contumaz a uma eternidade de sofrimento no inferno. Há, portanto, uma desproporção absoluta entre a vida de pecado e a aplicação de uma penalidade eterna.

Por esses e outros motivos, essa introdução escrita por Reginaldo Prandi cumpre o papel a ela destinado, levando o leitor aos principais pontos que envolvem a implantação, o desenvolvimento e as razões do sucesso do espiritismo kardecista entre nós, brasileiros. O seu texto oferece pistas e contribuições que fazem de seu pequeno e precioso livro um desafio ao aprofundamento do estudo do espiritismo. Sua leitura nos leva a querer mais, aliás, esse é, a nosso ver, o verdadeiro objetivo de um bom texto introdutório.